

Celina Luz: Memória e Representação Feminina no Jornalismo do Século XX ¹

Pietra Dissenha Hara²
Nayara Tays de Almeida³
Emilly Cristina de Oliveira Domingues⁴
José Carlos Fernandes⁵
Universidade Federal do Paraná, PR

RESUMO

Na contramão da invisibilidade feminina na história do jornalismo do Brasil, registros indicam a incidência de mulheres no mundo da imprensa nacional desde o início do século XX, fato acentuado a partir dos anos 1950. A presente pesquisa busca mapear o material produzido por uma das mulheres das redações brasileiras nesse período, Celina Luz. O estudo conta com a análise de acervos dos jornais dos quais a jornalista fez parte, além da busca de relatos com conhecidos da profissional. Com isso, encontram-se aqui os resultados já obtidos, como o livro protótipo *Celina Luz: a pioneira das redações*, produzido durante o curso de jornalismo na Universidade Federal do Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Celina Luz; História do Jornalismo; Mulheres no Jornalismo; Mapeamento Histórico; Jornalistas do Século XX.

INTRODUÇÃO

A história do jornalismo no Brasil é um campo vasto e complexo, que tem sido objeto de considerável interesse acadêmico e pesquisa ao longo dos anos. No entanto, é importante notar que, apesar da abundância de estudos sobre o assunto, há uma tendência marcante de narrativas que privilegiam figuras masculinas em detrimento das contribuições das mulheres jornalistas (Abreu, Rocha, 2006). O fenômeno de apagamento ou sub-representação das mulheres no cenário jornalístico brasileiro não é um caso isolado dos campos da imprensa, mas reflexo de uma sociedade patriarcal. Alice Mitika Koshiyama (2001) observa essa omissão das mulheres nos registros históricos:

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT09SU - Jornalismo Literário, livro-reportagem e a produção de narrativas biográficas, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: pietra.hara@ufpr.br.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: nayaraalmeida@ufpr.br.

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: emilly.cristina@ufpr.br.

⁵ Doutor em Estudos Literários, professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, orientador do trabalho: email zeca@ufpr.br.

Os estudos históricos não privilegiam o olhar sobre as mulheres. Fazer de conta que as mulheres não existiam é um comportamento que ajudava a construir a história das mulheres como seres que não tinham identidade própria, reforçando a visão da mulher complemento do homem, Eva costela de Adão (Koshiyama, 2001, p. 2).

Ao conduzir a pesquisa para a esfera do jornalismo no estado do Paraná, destaca-se a figura de Celina Luz, uma das pioneiras das redações paranaenses. Nascida em São Francisco do Sul, Santa Catarina, no ano de 1933, foi em Curitiba que Celina encontrou um endereço profissional. Sua inserção na cena jornalística paranaense se deu por meio do jornal *Última Hora*, no qual se destacou como colunista social – espaço das variedades, tradicionalmente reservado às repórteres –, colaborando na seção *Eles e Elas* ao lado de Nelson Faria de Barros entre 1962 e 1964. Faria de Barros vai se tornar um notável representante da esquerda “desbunde”⁶, atuando na editora Grafipar (Fernandes, 2017).

Fluente em francês, o que mais tarde lhe rendeu o trabalho de tradutora, Celina entrevistou personalidades de destaque, como Charles de Gaulle, ex-presidente da França e personalidade da Segunda Guerra Mundial. Sua atuação como jornalista ganhou novos contornos quando, após três anos dedicados à imprensa curitibana, a repórter passou a residir em Paris - em especial depois da pilhagem do jornal *Última Hora*, apedrejado em março de 1964 por secundaristas (Fernandes, 2014). Os jornalistas do UH foram todos enquadrados nas nascentes leis de censura à imprensa (Dotti, Alvim, 1965), momento que Luz presenciou, ainda que não tenha sido sentenciada. Nesse período, inicialmente como bolsista do governo francês e posteriormente como correspondente do *Jornal do Brasil*, ela expandiu seus horizontes profissionais e culturais (Jornal do Brasil, 1999).

Manteve-se como correspondente internacional por cinco anos, até voltar para o Brasil, estabelecendo-se na cidade do Rio de Janeiro, com seu marido, o neurologista Sérgio Carneiro. No Rio, a jornalista continuou trabalhando para o *Jornal do Brasil* e voltou para a redação do *Última Hora*, agora na sede carioca e numa fase menos promissora (Medeiros, 2009). Além disso, comprou em parceria com seu marido os direitos da revista *Interview*, tornando-se diretora da publicação. Celina morreu em 1999, em decorrência de um câncer no pulmão.

⁶ Por “esquerda desbunde” entende-se o grupo de resistentes à ditadura, em todas as áreas da cultura, que entendiam a revolução como, também, um processo de mudança comportamental, tolerância às diferenças, o que vai ganhar corpo, décadas depois, com as políticas identitárias (nota dos autores).

Sua contribuição ao campo da imprensa é vasta, no entanto, registros precisos de suas atividades são escassos. Para conseguir mais informações, optou-se pela História Oral (Alberti, 2013). Entre as primeiras entrevistas está a realizada com Adherbal Fortes de Sá Júnior, jornalista que trabalhou com a pesquisada na redação do *Última Hora*, em Curitiba. Também foram consultados os jornalistas Walter Schmidt - pesquisador do jornal UH em Curitiba; o veterano Luiz Geraldo Mazza, que trabalhou com Celina Luz no UH; os veteranos da imprensa paranaense Hélio de Freitas Puglielli, Luiz Renato Ribas e Miecislau Surek - todos contemporâneos de Luz⁷.

Ao enfatizar a importância da pesquisa sobre jornalistas paranaenses, Celina Luz emerge como uma figura emblemática, cuja análise não apenas enriquece a compreensão do contexto jornalístico local, mas também lança questões sobre a narrativa histórica das mulheres no jornalismo brasileiro (Duarte, 2016; Berger, 2022; Teles e Leite, 2013).

METODOLOGIA

Os autores fizeram buscas pela internet, obtendo poucos resultados. Foram encontrados o obituário, publicado no *Jornal do Brasil* (1999), e algumas matérias que a jornalista escreveu para o mesmo periódico, de 1965 a 1968, principalmente na época em que foi correspondente do JB em Paris (Abreu, 1996). A procura foi realizada por meio da busca de “Celina Luz” na aba livros do Google com o filtro para jornais (Ribeiro, 2015). Em contrapartida, foram realizadas buscas das reportagens no *Última Hora Curitiba*, pela Hemeroteca Digital Brasileira. A garimpagem identificou cerca de 210 textos de Celina Luz em 1962; 107 em 1963 e 29 em 1964. Dessa forma, foram compiladas todas as matérias escritas pela jornalista para o *Última Hora* ao longo do ano de 1962. Em janeiro, foram registradas 12 matérias; em fevereiro, 11; em março, 14; em abril, 16; em maio, 13; em junho, 22; em julho, 27; em agosto, 26; em setembro, 25; em outubro, 26; em novembro, 11; e em dezembro, 7 matérias. Essa fase, preliminar e de arquivo, não inclui análise crítica do material coletado.

⁷ Jornalistas das décadas de 1950 em diante são entrevistas do projeto de pesquisa Jornalismo e Ditadura Militar no Paraná, ocupado de explorar resistência, passividade e estratégias democráticas de repórteres paranaenses que estavam nas redações no período da ditadura instalada em 1964. Em 2023 e 2024, o grupo estuda o apedrejamento do jornal Última Hora. O projeto está locado no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná.

Além disso, foram catalogadas as matérias redigidas por ela para o *Diário do Paraná*, do grupo Diários Associados e com sede em Curitiba, no período de 1959 a 1961 (Côrtes, 2000). Utilizando os fac-símiles de suplementos como o *Letras & Artes* (Back, 2012), no qual Luz atuou. Após grande parte do material coletado, o grupo decidiu focar somente nas publicações de Celina Luz ao longo do ano de 1962 no *Última Hora*, edição Curitiba, por conter o maior número de reportagens e evidenciar o quanto relevante foi esse episódio para a imprensa local.

Seguiu-se a etapa de entrevistas, na qual foi possível se aproximar tanto da personalidade quanto do perfil profissional de Celina Luz, reconhecendo-a não apenas como um nome na história do jornalismo local, mas uma referência intelectual. Sá (2023) relatou que Luz era uma ótima colega de trabalho, sempre bem informada e fluente em diversos idiomas, como francês e inglês. Inicialmente, redigia suas matérias diretamente da redação do jornal, mas passou a enviá-las de casa. De acordo com os relatos, escrevia com um dia de avanço e um deadline apertado. Sá (2023) relatou que na fase carioca da jornalista, muitas capas do *Jornal do Brasil* eram dadas para ela, um feito editorial no auge dos impressos.

Nas demais entrevistas, a jornalista é lembrada por sua vasta cultura ilustrada, pela elegância e por “não ser muito bonita”, com exceção de um dos ouvidos, que destacou de forma positiva a aparência da repórter. O comentário abre espaços para se pensar gênero e, o que importa aqui, qual a representação e representatividade da mulher nos espaços masculinos das redações dos anos 1960 (Lima, Fernandes, 2021).

CONSIDERAÇÕES

O estudo sobre a marca de Celina Luz na imprensa local e nacional continua em progresso. A busca por textos da redatora se mantém em andamento nos acervos digitais da Biblioteca Nacional e nos periódicos que, até o momento, sabe-se que Celina participou. O mesmo se dá pela busca de novos possíveis entrevistados que tiveram alguma ligação com a jornalista na época do *Última Hora* e *Diário do Paraná*, nos quais a jornalista esteve presente.

Como parte do projeto de pesquisa, formou-se o livro protótipo *Celina Luz: a Pioneira das Redações*, sendo projeto final da disciplina obrigatória Projeto Editorial e Gráfico, presente na grade curricular do curso de Jornalismo da Universidade Federal

do Paraná. Busca-se, futuramente, produzir uma nova versão desse trabalho, com mais informações da jornalista e novos relatos. O grupo mantém no planejamento a publicação dessa obra para que mais pessoas saibam de um nome esquecido nos estudos atuais sobre o jornalismo nacional. A obra, em resumo, compila 45 textos assinados por Celina Luz, entre participações em colunas da editoria de sociedade e reportagens, e ainda não está disponível.

Ao longo da pesquisa, identificou-se que Celina produziu de forma prolixa, e mesmo assim não é lembrada, ao contrário de seus contemporâneos homens de redação. Nas próximas etapas da pesquisa, cabe veicular luz ao conceito de representação da mulher na imprensa, assim como a ideia de apagamento e invisibilidade. O que fica claro durante todo o processo de busca do material é o fato de que existem ainda mais personalidades femininas esquecidas no passado do jornalismo, tal qual Jurema Finamour – jornalista e escritora que atuou em veículos como o jornal carioca *A Manhã* e a revista *Diretrizes*, além de produzir alguns dos primeiros livro-reportagem brasileiros sobre União Soviética, China e Cuba durante as décadas de 1940, 1950 e 1960. O “fator” Jurema, em resumo, inspira essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de (org). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 1950**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- ABREU, Alzira Alves de. ROCHA, Dora (orgs.). **Elas ocuparam as redações**. Depoimentos ao Cpdoc. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- BACK, Sylvio (editor). **Letras e Artes: cinquenta anos**. Diário do Paraná. Edição fac-símilar. Curitiba/Foz do Iguaçu: Ed. Itaipu Binacional, 2012.
- BERGER, Christa. **Jurema Finamour: a jornalista silenciada**. Porto Alegre: Libretos, 2022.
- CÔRTEZ, Danilo. **O Diário do Paraná na imprensa e sociedade paranaenses**. Curitiba: Ed. do Autor, 2000.
- DOTTI, Renê. ALVIM, José Carlos. **Habeas-corpus impetrado ao Supremo Tribunal Federal**. Curitiba: Edição do autor, 1965.
- DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminista e feminina no Brasil: século XIX**. Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2016.
- FERNANDES, José Carlos. Desejos impressos. **Revista Helena**. Curitiba, setembro de 201Ed. Biblioteca Pública do Paraná. N.6, p. 60-87.

FERNANDES, José Carlos. Pedras no *Última Hora*, que pecado. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 1.º mai. 2014. Opinião, p. 3.

<Disponível em:
<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/pedras-no-ultima-hora-que-pecado-8oqwsrivve8yp12evgkis500e/>>. Consultado em 1.º de maio de 2024.

JORNAL DO BRASIL. **Letras e Orquídeas. Obituário. Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1999. Caderno Cidade, p. 22.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres jornalistas na Imprensa Brasileira**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS, 2001.

LIMA, M. R. D. V. de; FERNANDES, J.C. Protagonismos de resistência: as vozes de dez mulheres jornalistas do Paraná, da ditadura militar à consolidação de uma trajetória profissional. In: SOSTER, D. de A.; ROVIDA, M. (org.) **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas protagonistas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2021. p.1-15.

MEDEIROS, Benício. **A rotativa parou!** Os últimos dias da *Última Hora* de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RIBEIRO, Belisa. **Jornal do Brasil: história e memória**. Os bastidores das edições mais marcantes de um veículo inesquecível. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SÁ, Adherbal Fortes de. **Entrevista a Emilly Cristina Domingues, Érico Miranda dos Santos, Nayara Tays de Almeida e Pietra Dissenha Hara**. Curitiba: UFPR, 2023.

TELES, Amelinha. LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980)**. São Paulo: Intermeios, 2013.